

Point de tradição

Fotos: Felipe Barra

Salvador tem a Praça Castro Alves, Belo Horizonte tem a Savassi, e Brasília — por que não? — tem a 109 Sul e o Beirute. Impossível viver em Brasília, mesmo que por pouco tempo, e não ter a quadra como um referencial. Quem nunca tomou uma cerveja super gelada no bar mais famoso da cidade — aquele que atravessa décadas sem sair de moda —, ou ocupou a entrequadra para extravasar suas alegrias e tristezas?

Bem localizada, a entrequadra 109/110 Sul tem um algo a mais, que pouco se vê em Brasília. Tem tradição. A pulsação é constante, seja durante a noite, na agitação dos bares e restaurantes, seja durante o dia, na frenética concorrência das elétricas, que atraem consumidores de todo o Distrito Federal e Entorno.

A tradição, porém, é mantida, em grande parte, pela longevidade do Bar e Restaurante Beirute — um marco na cidade, que resiste há mais de 33 anos no mesmo local, com as mesmas características e mantendo fregueses fiéis.

Identificação

A entrequadra se tornou um referencial na cidade para os movimentos políticos, culturais e populares. Mais do que isso, se tornou um referencial para o brasileiro.

Francisco Marinho, o Chiquinho, dono do Beirute, conta com orgulho a história de um freguês que, ao se ver perdido em Londres depois de ter documentos e cartões de crédito roubados, encontrou apoio em um brasileiro. O conterrâneo, que encontrou em um bar onde havia ido “chorar as mágoas”, foi identificado pelo chaveiro do Beirute.

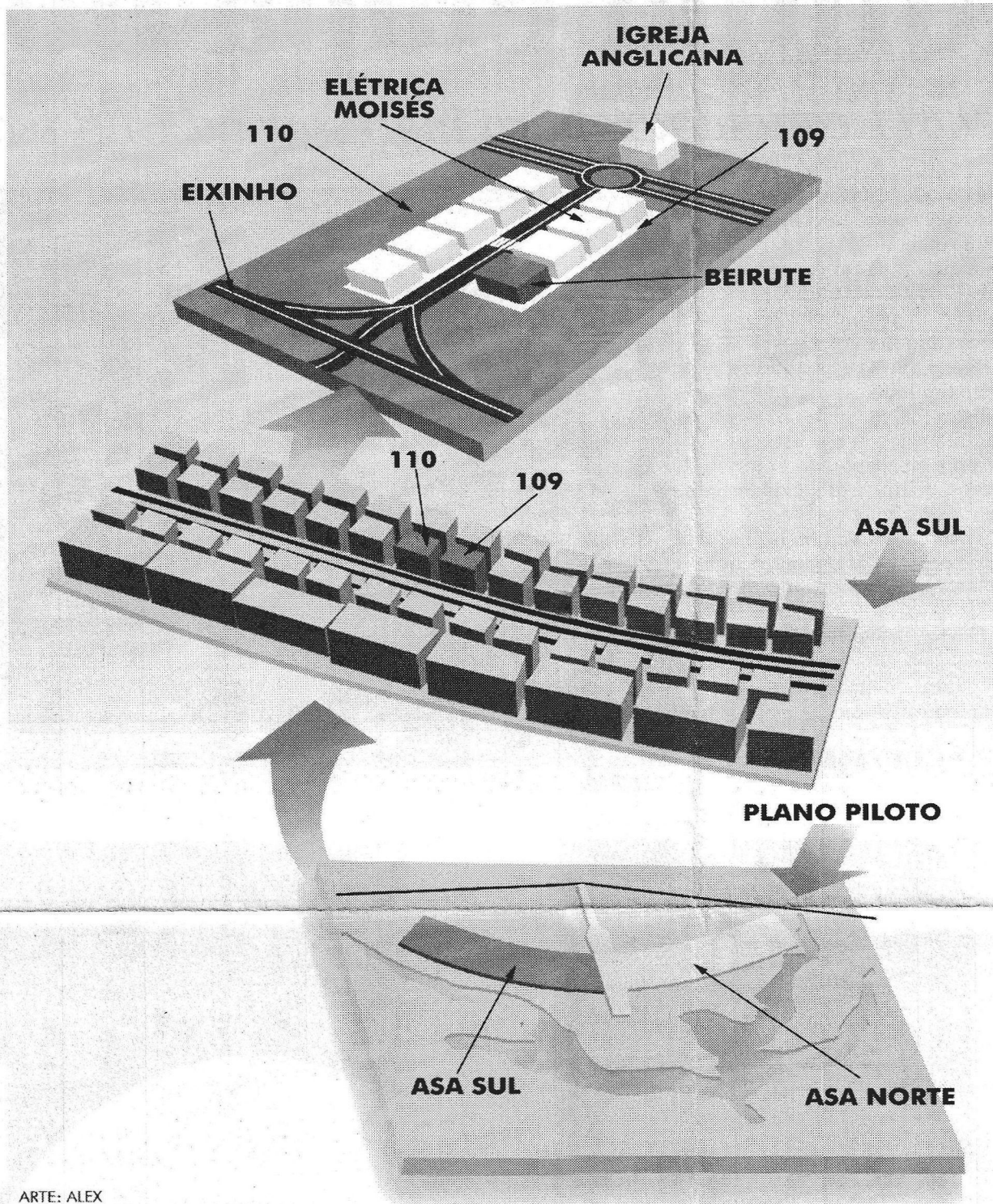
Mas o universo das quadras 109 e 110 Sul não se resume apenas ao Beirute ou às elétricas. Cercando a comercial, as quadras residenciais também têm suas histórias e uma vida própria que independe da fama da vizinhança.

A convivência nem sempre é tranqüila. Muitas brigas, principalmente dos moradores próximos à comercial, aconteceram ao longo dos anos. Hoje, a convivência é mais pacífica. Existem, porém, aqueles que resolveram entrar no “bloco” e fizeram do Beirute uma extensão de sua casa.

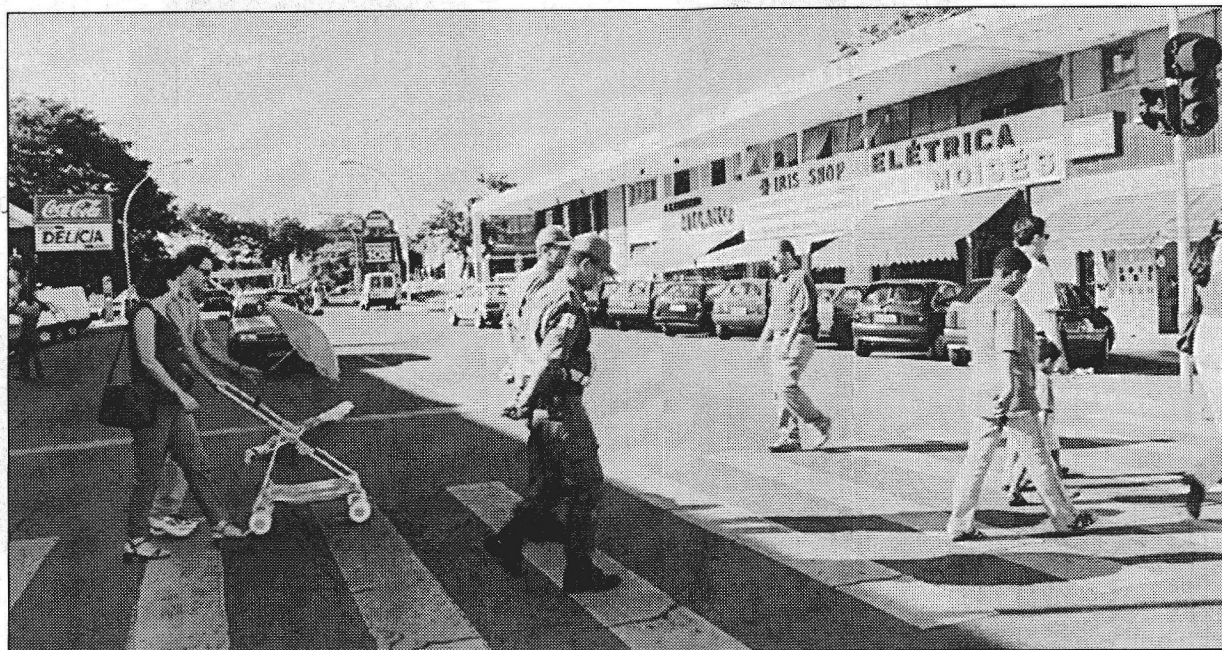
População

A população fixa e flutuante no local é bastante diversificada. Durante o dia, a entrequadra recebe moradores de vários lugares em busca de luminárias, fios, tomadas, spots e lâmpadas, entre tantos outros artigos vendidos pelas elétricas.

Na hora do almoço, costumam chegar os que não dispensam a comida do Beirute ou do Estação 109. Os dois bares e restaurantes abrem e fecham a comercial — um em cada ponta. O Estação, que foi inaugurado em 1986, também resiste ao longo dos anos e man-



ARTE: ALEX



ELÉTRICAS, responsáveis pelo frenético movimento, atraem consumidores de todas as partes do DF

tém, assim como o Beirute, seus fregueses fiéis. O Arabesque, que durante anos também marcou o local, acabou fechando e se rendendo à tendência do comércio local — agora é uma elétrica.

Nas quadras, a população é diversificada. Os apartamentos, a

maioria funcional, foram vendidos e, hoje, são ocupados por profissionais liberais, servidores públicos, oficiais da Aeronáutica e empresários.

As quadras evoluíram ao longo dos anos. As árvores cresceram. Os prédios foram reformados. O

comércio passou por várias fases, mas o Beirute, para alegria de seus admiradores, continua o mesmo. E a 109 Sul continua sendo palco de manifestações populares.

NELZA CRISTINA

Repórter do Jornal de Brasília



BEIRUTE: freguesia eclética e distante de qualquer estereótipo

Beirute, patrimônio do povo

Considerado por seu dono como Patrimônio Histórico do Povo, o Beirute foi inaugurado no dia 16 de abril de 1966. Nestes quase 33 anos de existência, a casa manteve algumas de suas tradições. A comida árabe — introduzida pelos primeiros proprietários — permanece.

O quibe frito é o carro-chefe, seguido pelo quibe cru e o grão de bico. O quibeirute (com queijo) também é bastante apreciado, mas surgiu como uma adaptação brasileira, que, na verdade, não é muito bem-vista pelos árabes.

No almoço, sempre movimentado, o filé à parmegiana é o prato mais pedido, mas não ficam atrás o filé a Samuca (grelhado com queijo gratinado e ervilha na manteiga), o filé a Dominique (substitui a ervilha por arroz) ou o Samonique (que combina os dois pratos anteriores). A comida é boa e barata.

Freguesia

A freguesia do local é eclética e foge a qualquer estereótipo. O Beirute tem, na verdade, várias caras e a frequência depende muito do dia e do horário. No almoço, aparecem executivos — nos finais de semana é comum a presença de famílias inteiras —, que aproveitam para ler o jornal do dia. No final da tarde, muitos retornam, para um happy hour com os amigos.

No terceiro tempo, chegam os boêmios, “aqueles que passam a noite tentando pagar a dívida externa”, comenta Chiquinho, o proprietário da casa, mais conhecido como Chiquinho do Beirute. Jornalistas, políticos (mais ligados à esquerda) e artistas estão entre os maiores freqüentadores da Casa.

Trabalho

“O sucesso constante do Beirute é resultado de um trabalho sério, de força, de união e de muita vontade de trabalhar”, define Chiquinho, que, em 28 anos à frente da casa, nunca deixou de preparar o cafezinho sempre quentinho e pronto para ser servido, nem de acompanhar o preparo dos pratos.

Ele, junto com o irmão Bartolomeu, o Bartô, compraram o Beirute — “com muito sacrifício e a ajuda de alguns amigos” — de seu segundo dono, José Cauhy (irmão do deputado distrital Jorge Cauhy). Chiquinho e Bartô eram garçons do bar e restaurante.

O segredo do Beirute, segundo Chiquinho, um cearense com manhas de carioca, é o amor pela família e pelo trabalho — “uma herança de pai para filho”. Enfrentando agora um momento difícil, com a doença do irmão Bartô, Chiquinho tem contado com o apoio dos filhos, que sempre o ajudaram, para não deixar cair o padrão de tantos anos. O filho, Francisco Emílio, um formando em publicidade, confirma e já até usou sua experiência na casa para defender uma tese na faculdade.

Em todos esses anos, Chiquinho lembra de ter mudado as mesas, que no andar térreo eram acompanhadas de cadeiras de ferro. A mudança foi preventiva. Nos tempos mais tumultuados, segundo ele, alguns jovens costumavam usar as cadeiras nas brigas, provocando alguns estragos. A solução, então, foi descer com as mesas do segundo andar — são as mais compridas — e padronizar o térreo, com pesados bancos de madeira, à prova de brigas. (N.C.)